

CEDI

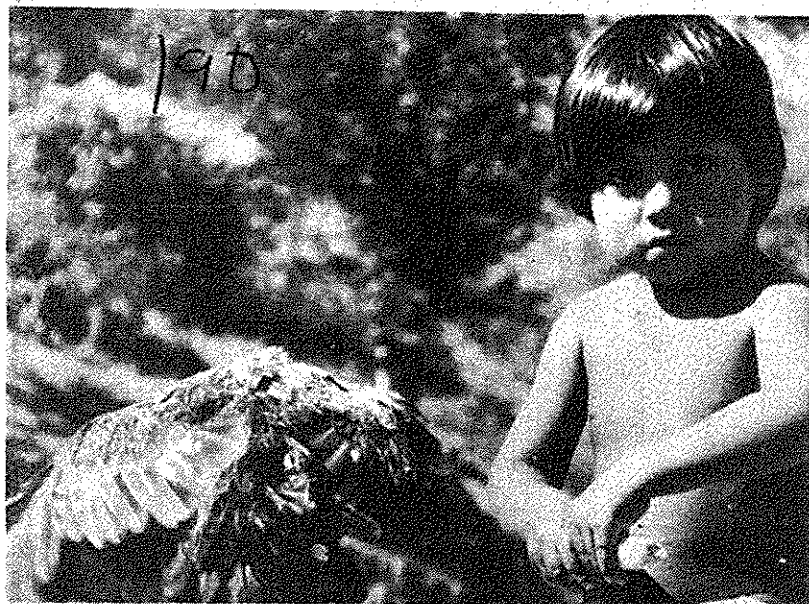
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 240

Data: 27.03.88

Pg.: _____



Enquanto alguns enriquecem facilmente, a maioria da comunidade vive na miséria

Dinheiro fácil traz aculturação

O folclore e a riqueza de alguns representantes da comunidade indígena no Médio Vale do Itajaí é tão grande, que muitos são famosos em Ibirama. Um deles, o índio B., como contam os moradores do município, possui três caminhões, quatro tratores, um Scott 88 adquirido na semana passada em uma concessionária local, com dinheiro vivo, além de imóveis em Joinville, Curitiba e Ibirama.

Como ele, outros que ganham dinheiro fácil na extração de madeira, mas não sabem aplicá-lo, gastam tudo em questão de dias, quando "acampam" nas zonas de meretrício da região. Outros chegam a se deslocar de táxi da reserva até Lages para alocar ou mesmo para Ibirama, também de táxi, que fica com o roteiro preestabelecido um dia antes. Enquanto isso, as mulheres em sua maioria vivem reclusas, sem luxos e são vítimas, por outro lado, de brancos oportunistas, que casam com elas clandestinamente para terem direito a retirar a madeira com tranqüilidade. As crianças formam um bloco unificado e arreado,

que anda maltrapilho pelas estradas da reserva.

A maior preocupação da Funai, segundo Henrique Tronczynski é com o futuro dos índios. "Ainda existe cobertura florestal na reserva, mas a madeira pronta para o corte não vai durar muito. Estamos tentando de todas as formas orientá-los para que possam enfrentar esta situação, mas infelizmente não temos estrutura, como também não temos pessoal que possa atuar de maneira eficaz para o impedimento de retirada de madeira".

Segundo cálculos extraoficiais de madeireiros de Ibirama, o número de árvores prontas para o corte existentes na reserva Duque de Caxias vai durar apenas mais dois anos. Aí os índios vão ter que esperar mais uns 15 para poderem retornar ao corte, em menor escala. Neste período, os que não estão investindo agora, com o lucro que obtêm, vão precisar trabalhar na terra. Só que esta saída será muito difícil para eles, que não possuem este hábito. Aliás, eles não sabem cultivar a terra.

Aidético retorna para a reserva

O primeiro índio a contrair o vírus da Aids no Brasil, V.G.P., 33 anos, está de volta à reserva Duque de Caxias, em Ibirama e, segundo informações da enfermeira índia Faavei Pripra Morlo, responsável por um posto de atendimento, ele pode ter contaminado uma mulher branca, moradora do município de Benedito Novo, que está grávida. V.G.P. voltou de Curitiba há cerca de dez dias e atualmente está residindo com seus pais, da tribo Xokleng, na aldeia Bugio.

Conforme divulgações da Secretaria de Saúde de Santa Catarina e da Superintendência da Funai de Curitiba, V.G.P. ainda é um paciente assintomático e aparentemente saudável, e é justamente esta a preocupação maior da enfermeira Faavei. Apesar da amábia branca do índio, também portadora do vírus e considerada em fase terminal, estar internada no Hospital Osvaldo Cruz, em Curitiba, "ele acha que não terá problemas de saúde, que tudo isso é bobagem, acreditando na possibilidade de viver muitos anos normalmente. Não adianta a gente explicar que ele não entende".

A índia assegura que V. não tem consciência da sua própria situação e do perigo de transmitir o vírus, "principalmente porque ele é um homem novo e forte. Mais cedo ou mais tarde vai precisar de mulher e aí poderá passar para outras índias a Aids. Ou até mesmo para brancas. Não sei exatamente o que precisa ser feito, mas ele precisa de mais orientação".

GRÁVIDA

Faavei assinala que foi sua filha, Lindja Iris Fonseca, que é enfermeira na aldeia Bugio, que soube da existência de A.G. e de sua gravidez. "Ela veio me contar e nós ficamos muito agitados com esta coisa. Já avisamos a Funai, mas até agora nada foi feito. Tudo que está acontecendo com o V. está abalando muito a nossa comunidade e nem sei quais serão as consequências".

V.G.P., mesmo vivendo com M.A. na reserva, mantinha relacionamento sexual com A.G., que espera um filho dele e como a investigação epidemiológica que será promovida pelo 7º Cars e Funai na reserva está prevista somente para o início do mês de abril, os contatos dos dois aidéticos estão totalmente desassistidos. O primeiro passo desta investigação será o mapeamento dos contatos, através da ajuda do casal e então a coleta de sangue para os exames necessários para o diagnóstico.

Os testes de Aids serão praticados em massa e conforme Jorge Tramuja, presidente da comissão de prevenção à Aids em Santa Catarina, só serão ampliados caso seja confirmado a existência de mais contaminados.

A Reserva Duque de Caxias, que estava sem assistência médica desde agosto do ano passado, como denunciou Faavei Pripra Morlo, está recebendo desde o início este mês visita sistemática de equipes médicas da Funai de Curitiba. Na sexta-feira duas enfermeiras do órgão passaram o dia todo na área vacinando crianças e a intenção é de que dentro de curto prazo seja instalado um posto médico-odontológico no local, para atender toda a população indígena, estimada em 1.400 pessoas.

Além disso, foi feita uma palestra sobre Aids para os índios, com o objetivo de orientá-los sobre os meios de prevenção, mas Faavei considera a iniciativa insuficiente. "Tenho medo de que quando V. começar a ficar doente, se revolte e queira mesmo contaminar outras pessoas. Se um branco que é civilizado faz isso, como fiquei sabendo, imagine um índio. Precisamos de mais assistência e não só de promessas".

Xokleng, a luta pela sobrevivência

Exploração da madeira e caso da Aids alteram o comportamento da tribo

Ula Weiss

IBIRAMA — Desoladora. Assim pode ser definida a situação da Reserva Duque de Caxias, onde vivem cerca de 1.400 índios Xokleng, Kaingang e Guarani. Mesmo morando em casas de madeira praticamente novas e bem construídas por profissionais brancos, os índios vivem miseravelmente sem um mínimo de higiene e o único interesse que possuem é retirar a madeira da reserva. Atualmente com 13.200 hectares, 800 já foram desapropriados em função da barragem norte que vai inundar esta faixa que faz divisa com a reserva, a área que está sendo cultivada, segundo estimativas da Funai, representa apenas 1% do total. Os índios dependem completamente da extração da madeira para sobreviverem, já que não recebem mais ajuda financeira do órgão, e a única tribo que ainda faz artesanato é a Guarani, que soma cerca de 100 índios que vivem mais isolados.

A exploração de madeira foi iniciada na década de 60 e de lá para cá, toda a cobertura florestal densa que caracterizava a reserva está sendo dizimada. Os índios não queimam as áreas para fazer roça, como dizem quando são questionados e tiram apenas a madeira comercializável. Com o dinheiro pagam o seu sustento, que vai desde gêneros básicos como arroz, feijão, sal e açúcar até hortifrutigranjeiros, que não produzem.

A reserva de Ibirama, como todas as áreas ocupadas por indígenas no Brasil, é considerada Patrimônio da União com usufruto dos índios. Assim, por lei, os índios só poderiam retirar a madeira para seu uso próprio, como construir uma casa ou galpão. Por isso, a extração em grande escala, como está sendo feita, ao ponto de calcular-se que, por dia saem mais de 100 caminhões carregados do local, é coibida na medida do possível



Na Reserva Duque de Caxias, moram 1.400 índios que têm como único interesse a exploração da madeira do local

pelo IBDF e Polícia Federal.

Mas falta estrutura para uma maior fiscalização. O fato vem se repetindo há mais de 20 anos e mesmo com as pesadas multas que são aplicadas frequentemente a dezenas de madeireiros da região e apreensão de caminhões e tratores, a prática continua sem abalos. O que mais impressiona neste quadro é que o índio explora o próprio índio, que por sua vez é explorado pelo branco. Toda a reserva é dividida em linhas imaginárias entre as 1.400 pessoas da reserva e aqueles índios que possuem mais instrução, se

encarregam de fazer a venda para os mais tímidos e medrosos. É aí que começa a exploração.

Aqueles que se ocupam da negociação com os compradores da madeira cobram um preço e pagam outro bem menor aos seus companheiros que estão fornecendo as toras, e assim, cria-se um círculo vicioso, já os brancos, exploram na medida que pagam preços bem aquém dos praticados em mercado, com os quais os índios se contentam. É desta forma que pode-se encontrar, a qualquer hora em Ibirama,

índios usando calça de linho, sapato bico fino e dirigindo carros do ano, enquanto cerca de 70% da população da reserva passa fome.

A negociação de madeira ilegal chegou a tal ponto que como já foi citado, nas entradas da reserva, que hoje somam seis a mais que as duas originais e oficiais —, existem postos de pedágio. Madeireiros que não quiseram se identificar afirmam que pagam Cz\$ um mil cada vez que entram para pegar a carga e, assim, os índios vão aumentando seus rendimentos.

Autodefesa se expressa na hostilidade

Para se ter uma idéia dos efeitos que a confirmação dos casos de Aids provocou na população indígena da reserva Duque de Caxias, basta analisar a hostilidade dos índios na recepção da reportagem de O Estado na última sexta-feira, quando foi expulsos do local, sofrendo até mesmo ameaças de agressão física.

Saberido da necessidade de uma autorização para a entrada na reserva, a equipe que se deslocou até Ibirama na tarde de quinta-feira fez contato com o neto do cacique Ali Criri, o índio Cipriano, que se dispôs a levar um bilhete para o chefe da Funai na reserva, sr. Fernando, para que aguardasse os repórteres no dia seguinte.

Conforme combinado, por volta das 8h45min os repórteres chegaram à reserva e foram abordados por cinco índios

na entrada, junto a um posto de pedágio que controla a entrada e saída de caminhões com madeira, solicitando o objetivo da visita. Após saberem os motivos, os índios, que não quiseram se identificar, alegaram que o chefe da Funai "parece que não está querendo atender", mas diante da insistência deram autorização para que entrassem e o procurassem para maiores explicações.

Cerca de 15 minutos mais tarde os repórteres chegaram ao posto da Funai e foram informados de que ele havia saído para a tribo Bugio. Em seguida, foram até a residência (ao lado) do cacique Ali, mas este também não estava.

Os repórteres foram encaminhados por crianças índias até a residência da enfermeira Faavei Pripra Morlo, e somente então souberam que ambos volta-

riam no final da tarde. A equipe de O Estado foi convidada a entrar na casa da enfermeira e fez algumas indagações, ocasião em que Faavei fez seu desabafo sobre os casos de Aids, mas a visita não durou muito.

Por volta das 10h, os mesmos índios que estavam na guarita de pedágio chegaram à casa de Faavei num jipe e imediatamente expulsaram os repórteres do local, aos brados. Bastante assustados com a situação, os jornalistas obedeceram às ordens, mas os índios ainda não se contentaram e cercaram o automóvel.

Em meio a bastante confusão, os índios arrancaram o bloco de anotações da repórter e a bolsa com os equipamentos do fotógrafo e ameaçaram destruí-los. Diante dos pedidos e até mesmo choro da repórter, os índios ficaram sem ação

e só concordaram em devolvê-los se prometêssemos nunca mais voltar. Após a discussão, os índios escoltaram os jornalistas até a saída da reserva.

AMISTOSOS

Segundo Henrique Tronczynski, superintendente substituto da Funai em Curitiba, ao qual o posto da reserva Duque de Caxias é subordinado, os índios da reserva de Ibirama sempre foram amistosos e, há muito, não se tinha notícias de tamanha hostilidade. "Este tipo de reação é um reflexo das consequências psicológicas que estão sofrendo com os casos de Aids no local. Eles estão amedrontados com toda a publicidade e agem impensadamente. Tanto é que todos convivem pacificamente na região mas, a partir de agora, tenho a impressão de que não vão aceitar tão facilmente a imprensa na reserva".